



Secretariado Diocesano
Pastoral Familiar
Porto

2ª. Reunião

"Fazer-se dom - Família, uma casa para o evangelho"

*Proposta de guião para a preparação dos casais jubilados
em ordem ao Dia Diocesano da Família
(Adaptação com base em documentação das ENS)*

Se o desejo de uma vida a dois, de uma relação exclusiva e fiel, é a resposta ao amor do casal, a escolha do matrimónio sacramental é a resposta a uma vocação específica: sentir-se parte permanente de uma Aliança eterna, a plena confiança num Amor e numa misericórdia sempre oferecidas. E o matrimónio é um sacramento, um sinal, uma ligação real com a aliança constantemente renovada entre Deus e o seu povo.

" [...] Muitas vezes esquecemo-nos que casar-se é também receber uma missão. É já dar origem a uma célula da Igreja - a família. Mas é, também, ser consagrados para uma função própria que João Paulo II, após o Sínodo de 1980 (consagrado à família), não receia chamar de "ministério autêntico." A primeira função desse ministério será certamente a educação dos filhos, educação e evangelização, precisa o texto. A missão do casal estende-se, porém, para além das quatro paredes da casa. O casal e a família têm uma missão para o exterior: acolhimento, hospitalidade, testemunho, ajuda mútua, liturgia, catequese, etc.

Às vezes diz-se que a família é a célula base da sociedade; mas que será uma célula sem corpo? Casar-se é, também, aceitar pertencer a um corpo mais vasto. Do corpo dos esposos ao corpo familiar e deste ao corpo eclesial e social; a dinâmica do sacramento é, também, uma dinâmica de integração e de serviço." (Xavier Lacroix)

O amor conjugal tem por fim a construção permanente duma relação vital que leve à comunhão profunda da vida a dois. Visa uma unidade profundamente pessoal que, para além da união numa só carne, leva o casal a ser um só coração e uma só alma. Um amor assim brilha e transmite vida sob diferentes formas de fecundidade: não só a procriação dos filhos, mas também a abertura generosa da família à adoção e ao apadrinhamento; o apoio delicado e contínuo aos pais idosos e dependentes; a fecundidade social e eclesial, pela qual o casal exporta para a sociedade e para a Igreja onde vive, a sua maneira de acolher o outro, a sua abertura natural à escuta e ao diálogo, a sua capacidade de criar trocas de experiências vivas, o seu hábito de procurar generosamente o bem comum ultrapassando o interesse individual.

O que, no fundo, é pedido ao casal não é que seja fecundo, mas, antes, que se torne terra fértil. Deus e a sua palavra é que são fecundos (cf. Is 55,10-11) mas, pela lei da encarnação, a Palavra só consegue exprimir a sua fecundidade quando cai na terra fértil da história que atingiu maturidade, na plenitude dos sinais dos tempos (cf. Lc 8,5-8; 11-15).



Secretariado Diocesano
Pastoral Familiar
Porto

O mesmo acontece ao casal: é o amor de Deus, é o amor que une os esposos que é fecundo e o casal torna-se, por sua vez, terra fértil pela sua capacidade de exprimir, por frutos concretos, o amor que o penetra e o anima.

Deve existir uma relação recíproca entre o casal e a comunidade eclesial. A comunidade deve testemunhar a sua fé no casal e o casal deve fazer a comunidade aproveitar dos seus dons e nela desenvolver os seus carismas específicos. Os leigos casados podem realizar uma missão original de fecundidade eclesial. O papel do casal no testemunho da fé e na evangelização ultrapassa o apoio que o casal pode trazer àqueles que escolhem o celibato para o Reino, dando-lhes o calor da relação familiar e a possibilidade de trocas de experiências abertas: o casal tem uma missão própria de evangelização, em que põe ao serviço os seus próprios carismas, segundo a tradição inaugurada pelos primeiros casais cristãos (cf. At 18).

"Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo, pessoas que, pela minha vida, expuseram a cabeça. Não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as igrejas dos gentios. Saudai também a Igreja que se reúne em casa deles." (Rom, 16, 3-4)

O casal pode realizar a sua missão eclesial testemunhando valores que o caracterizam: o acolhimento, a valorização das diferenças; uma comunidade eclesial disposta a receber plenamente os valores que o casal testemunha poderia chegar a partilhar plenamente as responsabilidades e os ministérios. A resposta à nossa vocação conjugal já não comporta então somente a vida a dois, alimentada pelo amor de Deus, mas consiste em tornar esse amor capaz de suscitar e de alimentar várias outras formas de vida que encontram justamente a sua fonte no amor conjugal.

"Entre os deveres fundamentais da família cristã está o dever eclesial: colocar-se ao serviço da edificação do Reino de Deus na história, mediante a participação na vida e na missão da Igreja." (Familiaris Consortio, nº 46)

"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo." (1 Cor 12,4)

Há quem esteja disposto a promover a dignidade da pessoa e a defender os seus direitos; outros a promover a justiça na sociedade; outros a reagir contra as discriminações. Uns sentem-se chamados a ir junto dos pobres, dos desempregados, outros a trabalhar pela libertação daqueles que são dependentes da droga, do álcool, da prostituição, outros a ajudar casais em dificuldades (divórcio ou separação), outros a socorrer os sem-abrigo.

Há muitas maneiras de colaborar no trabalho das nossas paróquias: na liturgia, nas visitas ao domicílio, no coro e na música, no ministério da comunhão, na leitura da palavra, nas ações sócio caritativas, na catequese...

Padres e paroquianos têm de enfrentar juntos este desafio da missão. Esta colaboração deve ser vista como uma partilha de responsabilidade e não de poder. A atitude correta é a de nos interrogarmos em conjunto sobre a forma de realizar esta missão, velando pelas necessidades do povo de Deus.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO PESSOAL E EM CASAL

1. Temos os filhos que quisemos ou gostaríamos de ter tido mais?
2. Como temos encarado a nossa missão de pais educadores? Que obstáculos temos encontrado e como os temos superado?
3. Quais os valores que transmitimos aos nossos filhos?
4. Como encaramos a hipótese de um filho poder optar por uma vocação sacerdotal ou religiosa?
5. Que lugar damos ao diálogo e à partilha em casal e em família (da Palavra, da oração, dos projetos, das preocupações, etc.)?
6. Temos sabido arranjar tempo para dialogar, namorar, passear?
7. Estamos contentes com o modo como repartimos as tarefas de casa ou algum de nós está mais sobrecarregado?
8. Tem havido equilíbrio nas relações entre nós e as nossas famílias de origem?
9. Partilhamos com os mais pobres algo dos nossos bens materiais?
10. A nossa família já passou por situações de desemprego, álcool, droga, doenças, morte, problemas económicos? Como superámos essas situações?
- 11a. (Se ainda temos pais) Como encaramos os problemas da idade avançada dos nossos progenitores? Já equacionámos as soluções perante essa fragilidade natural?
- 11b. (Se já temos filhos casados) Como apoiamos os nossos filhos? Temos o cuidado de respeitar a autonomia da nova família que constituíram?
12. O que é que o mundo e a Igreja querem hoje de nós? Quais são as nossas responsabilidades eclesiais e sociais neste nosso tempo?